

COVID-19: a racialização dos significados sobre a origem de um vírus.

*Juliana Harumi Chinatti Yamanaka¹
Viviane Cristina Vieira²
Edna Cristina Muniz da Silva³*

Resumo: No início de 2020, reportagens noticiosas foram divulgadas sobre as possíveis causas do coronavírus. Dentre elas estavam aquelas que colocavam sob suspeição as práticas alimentares chinesas. Algum tempo depois, foi registrado o aumento de episódios de violência contra asiáticos com elementos de discriminação racial. Diante disso, decidimos lançar mão dos Estudos Críticos Discursivos para compreender alguns significados frequentes nesse cenário pandêmico e seus efeitos causais em eventos discursivos a partir de uma determinada rede de práticas discursivas. O corpus foi composto de uma notícia e de reações dos leitores à postagem dessa notícia. A análise foi empreendida sobre as dimensões da conjuntura social, da prática particular e da interação propriamente dita. Para isso, considerou os significados representacional, identificacional e acional numa perspectiva crítico discursiva. Os resultados apontaram para 1) recorrência temática entre covid-19, China e possíveis causas; 2) realidade modelada por meio de recursos léxico-gramaticais que evocam imprecisão na informação apresentada pela notícia; 3) localização da covid-19 como uma questão asiática. Quanto às reações à postagem, observou-se a articulação de discurso orientalista como estratégia de manutenção da supremacia branca.

Palavras-chave: Racialização. Coronavírus. Estudos Críticos Discursivos.

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília. Docente do Instituto Federal de Brasília. E-mail: julianalapsis@gmail.com.

² Doutora em Linguística. Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, do Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. Brasília, DF, Brasil. E-mail: vivi@unb.br.

³ Doutora em Linguística. Docente e pesquisadora do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, do Instituto de Letras, Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas. Brasília, DF, Brasil. E-mail: ednacris@unb.br.

Introdução

Nos primeiros meses de 2020, após a notificação da Organização Mundial da Saúde (OMS), reportagens noticiosas foram divulgadas sobre possíveis causas da covid-19⁴. Dentre elas estavam aquelas que colocavam sob suspeição as práticas alimentares chinesas. Naquele momento, imagens de pessoas asiáticas com máscara foram exaustivamente divulgadas, fazendo com que o vírus ganhasse um “rosto” com traços fenotípicos próprios. A partir dessa enxurrada multimodal, que associava textos orais, escritos e imagéticos, a pandemia foi racializada (UENO, 2020). Algum tempo depois, foi noticiado o aumento de episódios de violência contra asiáticos com elementos de discriminação racial. Diante disso, decidimos lançar mão dos Estudos Críticos Discursivos, especialmente, da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) (EGGINS, 2004; FUZER; CABRAL, 2010; HALLIDAY; MATHIESSEN, 2014; MATHIESSEN, 2012) e da Análise de Discurso Crítica (ADC) (FAIRCLOUGH; JESSOP; SAYER, 2016; FAIRCLOUGH, 2001; FAIRCLOUGH, 2003; FAIRCLOUGH, 2010) de abordagem dialético-relacional para compreender alguns significados sobre a origem da covid-19 nesse cenário pandêmico do início de 2020 e seus efeitos causais em eventos discursivos a partir de uma determinada rede de práticas discursivas na era digital.

Aqui, focalizamos a publicação de um texto noticioso sobre a pandemia do coronavírus como um evento social de interface linguística que desencadeia outros eventos discursivos em face às reações dos leitores ao texto postado na rede social *Facebook*. O texto se chama “*Surto de coronavírus da China pode ter sido provocado por sopa de morcego (ou de cobra)*” (HISTORY, 2020). O interesse surge de um posicionamento crítico que entende a complexidade da vida social como conformada por uma variedade de cenários sociais nos quais diferentes grupos disputam projetos simultaneamente (DENZIN; LINCOLN, 2006). Nesse sentido, buscamos 1) pensar sobre os impactos gerados pelas práticas discursivas no

⁴ Para exemplos de tais textos noticiosos, basta realizar uma pesquisa rápida no Google lançando as palavras-chave: *coronavírus, cobra, morcego*.

contexto da pandemia sobre os corpos que se inscrevem na chave étnico-racial, enquanto amarelos-asiáticos, bem como 2) contribuir para a produção de conhecimento localizada a partir da chave do pertencimento ao problema social estudado de modo a questionar também quem são os pesquisadores que emergem neste cenário pandêmico e quais são as temáticas pautadas por eles.

Como perguntas orientadoras, propomos pensar 1) *Como é representada a origem da covid-19 no texto publicado pelo History Channel? (Significado representacional)*, 2) *Qual o grau de comprometimento com o dizer? (Significado identificaciona), 3) Que tipo de informação geral é construída pela estrutura temática do texto? (Significado acional) e 4) Quais possíveis desdobramentos podem ser vistos nas postagens de reações a esse primeiro evento discursivo?*

Para isso, organizamos este artigo em oito seções. Após a introdução do assunto, apresentamos o desenho teórico-metodológico da pesquisa. Na terceira seção, revisamos os pilares da ontologia social do discurso com o objetivo de evidenciar as conexões entre linguagem e sociedade. Na quarta seção, oferecemos um panorama conjuntural da rede de práticas discursivas sobre a representação asiática no contexto da pandemia. Na quinta seção, tratamos das vozes asiáticas na solidariedade antirracista. Na sexta seção, analisamos a notícia para, na sétima seção, proceder com a análise das reações ao texto postadas no *Facebook*. Por fim, na oitava seção, encaminhamos as considerações finais.

O desenho teórico-metodológico

O presente artigo é um exercício analítico de objetividade posicionada. Isso quer dizer que deixamos claro ao/à leitor/a o pertencimento étnico-racial de uma das pesquisadoras enquanto mulher brasileira e asiática da diáspora que tem como objetivo geral 1) lançar luz para as práticas linguageiras

no contexto da pandemia na era digital e 2) compreender de que maneira essas práticas linguístico-discursivas afetam a vida e os corpos de pessoas racializadas enquanto amarelas.

Realizado no âmbito do curso de doutorado do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade de Brasília, mais especificamente a partir das disciplinas de Linguística Sistêmico-Funcional e Análise de Discurso 1, o trabalho se configura também como um exercício analítico sobre discursividades presentes na pandemia.

Dito isso, esclarecemos que a pesquisa se apoiou em uma abordagem qualitativa de cunho documental para a coleta de dados. Erigiu-se sobre os Estudos Críticos do Discurso, em especial, a Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2001, 2003) e a Linguística Sistêmico-Funcional (EGGINS, 2004; FUZER; CABRAL, 2010; HALLIDAY, 2001, 2014) para a análise social textualmente orientada.

Com o objetivo de refletir sobre os significados da origem da covid-19 e seus possíveis desdobramentos na experiência da vida cotidiana, foi selecionado *corpus* por meio da rede social *Facebook*, para 1) a análise de notícia e 2) a análise das reações dos leitores à postagem da notícia. Sob o título de “*Surto de coronavírus da China pode ter sido provocado por sopa de morcego (ou de cobra)*” (HISTORY, 2020), a notícia foi publicada no site do canal History hospedado na página Uol e posteriormente compartilhada na rede social Facebook, gerando inúmeras reações ao texto. A sua escolha levou em consideração o alto número de engajamento e de reações à sua postagem na rede social. Para a seleção das reações ao texto, procedeu-se a: 1) leitura do conjunto geral de postagens reativas, 2) categorização temática dessas postagens e 3) seleção de postagens mais representativas dessas temáticas.

A análise se apoiou sobre as noções fundamentais da Linguística Sistêmico-Funcional, sendo realizado o seguinte percurso: 1) descrição do contexto de situação (Registro) a partir das variáveis Campo, Relações e Modo; 2) classificação das funções léxico-gramaticais desempenhadas pelos itens lexicais do texto, 3) análise dos três sistemas léxico-gramaticais: Sistema de Transitividade, Sistema de MODO e Sistema de Tema e 4)

análise e interpretação dos resultados em busca dos significados ideacionais, interpessoais e textuais.

A seguir, passamos à fundamentação teórica que ancorou o estudo.

A ontologia social do discurso

A antípoda de uma perspectiva formalista linguística reside nos estudos funcionalistas⁵ cuja potencialidade epistêmica está na assunção da linguagem⁶ como atividade social. Essa afirmação, que aqui podemos chamar de *linguagem como semiótica social* (HALLIDAY, 2001), fundamenta-se em duas questões principais a saber: (i) a linguagem não pode ser compreendida como um objeto autônomo *per se* e (ii) a organização interna do sistema linguístico é conformada, em alguma medida, pelas funções externas da linguagem (SCHIFFRIN, 2011).

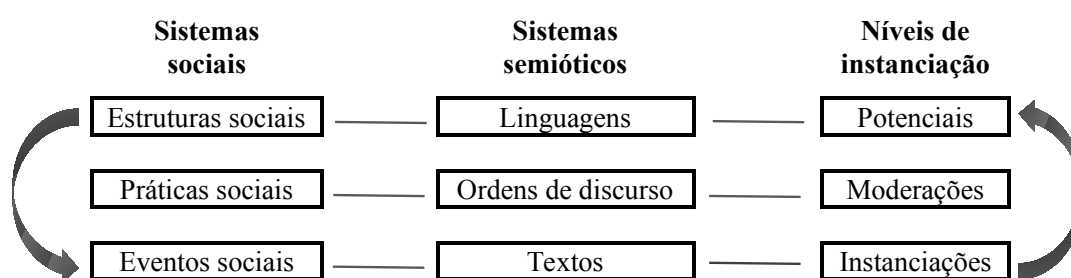
Tais pressupostos levam à consideração de que a linguagem cumpre funções nas ações humanas, que dependem das escolhas feitas no sistema semiótico social, ou seja, num sistema potencial de significados acessados em diferentes contextos (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2014, p. 202-204). Os significados são tomados como escolhas conscientes ou inconscientes (ainda assim, escolhas) que estão para além do próprio funcionamento interno da linguagem; mas que, em alguma medida, instanciam-se nela por meio de textos. Essa compreensão abre a possibilidade para projetá-la como atividade “socialmente responsável” (MATTHIESSEN, 2012, p. 435), viabilizando a crítica.

⁵ A terminologia linguística aqui apresentada (formalismo e funcionalismo) encontra paralelo em outros termos ou expressões terminológicas (SCHIFFRIN, 2011).

⁶ Nesta seção, abordarei os seguintes termos: *semioses, linguagens, discursos*. O primeiro diz respeito a um conceito mais amplo que pode incluir outras linguagens que não a linguagem verbal. Apesar de ainda ampla, a linguagem será usada, com frequência, para se referir a um sistema particular, por exemplo, a língua portuguesa. Já discursos estão mais relacionados a maneiras particulares de representar o mundo (FAIRCLOUGH; JESSOP; SAYER, 2016).

O caráter sociossemiótico da linguagem é noção fundante da Teoria Social do Discurso (TSD), tão cara ao conjunto dos Estudos Críticos Discursivos (ECD). Entender a linguagem como atividade social significa, em alguma medida, assumir que a semiose é elemento indissociável dos processos sociais materiais (FAIRCLOUGH, 2010; WILLIAMS, 1979) e, conseqüentemente, tomá-la como um elemento que cumpre função na estruturação social. Tal como representado na Figura 1, abaixo, a semiose – definida como produção intersubjetiva de significado (FAIRCLOUGH; JESSOP; SAYER, 2016, p. 43) – é uma faceta do social que perpassa todos os três níveis da ontologia social que fundamenta este estudo (FAIRCLOUGH, 2003):

Figura 1 – Ontologia social e semiótica



Fonte: Elaborado pela autora com base em Fairclough (2003) e Matthiessen (2012).

A Figura 1 ilustra como cada nível do sistema social (primeira coluna) está para outro no sistema semiótico (segunda coluna) - e vice-versa - e ainda relaciona cada uma dessas entidades com sua possibilidade de verificação em experiências que vão das mais abstratas às concretas (terceira coluna). Em todos esses níveis, a semiose está mais ou menos presente. O quadro também indica como a exploração dos elementos extrassemióticos são necessários para a sua própria efetivação. Isso porque somente faz sentido falar em semiose, bem como em performatividade e seus efeitos produzidos, ao pressupor atores sociais concretos, com

demandas e propósitos, situados em relações sociais, no espaço-tempo, a partir de condições materiais específicas (FAIRCLOUGH; JESSOP; SAYER, 2016).

O objetivo é explicar como a um só tempo, a semiose (elemento do social) diz respeito também 1) à organização geral da língua(gem) (sistema semiótico amplo com potenciais de significados variados), 2) às formas convencionais de comunicação (ordens de discurso canonizadas) e aos textos produzidos em contextos de situações específicas (instâncias de um tipo de cânone discursivo).

De modo análogo ao sistema semiótico, compreende-se o sistema social a partir de três níveis: estruturas sociais, práticas sociais e eventos sociais. No primeiro nível, estão as estruturas sociais, entidades mais abstratas que representam o campo das potencialidades. No segundo nível, estão as práticas sociais que moderam as potencialidades estruturais, sendo subpotenciais dessas. Os eventos surgem, no terceiro nível, como parte das instâncias das práticas sociais. Desse modo, a formação social está organizada por redes de práticas sociais complexas que se interconectam e se instanciam em eventos sociais. Em todos esses três níveis, a semiose está presente como um elemento constitutivo e constituinte.

Como exemplo disso, temos que os textos materializam partes de eventos sociais, que são fenômenos de faceta semiótica e não-semiótica (FAIRCLOUGH, 2003). Por exemplo, o projeto de lei N. 867/2015 que institui o Programa Escola Sem Partido⁷ é, a um só tempo, um evento social material e linguístico que, se aprovado, regulará o que poderá ou não ser dito em sala de aula. Esse projeto se preocupa centralmente com três aspectos importantes sobre a semiose como elemento da formação social: 1) as condições semióticas afetam tanto a produção quanto a transformação diferencial de grupos ou fenômenos sociais; 2) esses mecanismos (de variação, seleção e retenção das propriedades semióticas) são dialéticos na medida em que as condições semióticas afetam os grupos ou fenômenos sociais, e vice-versa; e 3) a inovação e a emergência semiótica são mecanismos de transformação social.

⁷ *Dentre os princípios defendidos pelo projeto de lei, estava o princípio da neutralidade política, ideológica e religiosa do Estado, como se a neutralidade fosse uma categoria possível dentro das práticas sociosemióticas.*

Diante disso, o desafio da Análise de Discurso Crítica está em compreender de que maneira uma atividade discursiva específica, materializada sob a forma de um texto (micro padrão), relaciona-se com as estruturas sociais mais amplas (macro padrão) (MATTHIESSEN, 2012). Para dar conta dessa questão, o conceito de *práticas sociais* foi posicionado como entidade intermediária num modelo de articulação que permite o movimento dos fenômenos de entidades mais abstratas que representam o potencial geral (estruturas sociais/linguagens) para as mais concretas de uma instância particular (eventos sociais/textos) (FAIRCLOUGH, 2003).

As práticas sociais são formas relativamente estáveis de atividades sociais (políticas, econômicas, culturais etc.) nas quais os discursos estão presentes como um de seus elementos ao lado de outros, tais como atividades materiais, atores sociais, relações sociais e discursos. Os elementos das práticas sociais não são separáveis entre si, pois cada um internaliza outros sem reduzi-los a si mesmo.

As entidades intermediárias, que regulam as possibilidades estruturais por meio de processos de seleção e exclusão dos aspectos discursivos de uma ordem social, foram denominadas *ordens de discurso* cuja materialidade linguística se inscreve em discursos, gêneros e estilos (FAIRCLOUGH, 2003, p.23). São elas que organizam e controlam a variação linguística e seus elementos.

Por considerar a linguagem como “ativa e presentemente constitutiva” (WILLIAMS, 1979, p. 33), sendo a semiose mais um elemento da vida social, é que podemos considerar os recursos linguísticos como objetos aptos à investigação da vida social, uma vez que representam exemplos de padrões de práticas historicamente desenvolvidas (LEDIN; MACHIN, 2019). Vale a pena destacar que o modelo proposto se ocupa da análise de discursos em sua relação dialética com outros elementos das práticas sociais, rejeitando a mera aceitação da aparência do discurso tal como dado.

A pesquisa social textualmente orientada é atividade investigativa que se apoia em dados empíricos. Nessa perspectiva, um texto qualquer, como um *tweet* (postagem típica da

plataforma Twitter), deve ser entendido como “uma instância” de “uma variedade canônica” relacionada a certas práticas sociais discursivas (LEDIN; MACHIN, 2019) em uma língua. A opção (ontológica e epistemológica) de situar os textos como elementos das práticas sociais, portanto, parte das práticas discursivas é o que permite à Teoria Social do Discurso construir a crítica.

A rede discursiva na era digital em tempos de Coronavírus

A análise conjuntural que apresentaremos a seguir advém da inquietação frente ao aumento da discriminação racial contra asiáticos no contexto da pandemia do coronavírus.

Segundo o Ministério da Saúde (BRASIL, 2021), a covid-19 é uma família viral que causa infecções respiratórias, cuja primeira descrição data de 1965 como coronavírus, em função das espículas em sua superfície que se assemelham a uma coroa. O novo agente do vírus foi descoberto em 31 de dezembro de 2019, após casos registrados na China. Nessa data, a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi notificada do início de transmissão da covid-19. Pouco mais de dois meses depois, a OMS declarou pandemia no dia 11 de março de 2020. A repercussão desse primeiro evento social foi medida por uma rede de eventos discursivos ao redor do Mundo.

A partir disso, uma avalanche de textos noticiosos abriu espaço para outros eventos sociais, tais como a exposição de práticas discriminatórias de cunho racial direcionada à população chinesa. Um exemplo desse tipo de evento é representado pelo objeto deste estudo: o texto noticioso intitulado “*Surto de coronavírus da China pode ter sido provocado por sopa de morcego (ou de cobra)*” (HISTORY, 2020). O texto foi publicado no site do canal *History* hospedado na página Uol e não possui autoria definida. Por ser produto do canal *History*, uma marca do grupo A&E Networks América Latina responsável pela produção de séries e

documentários que se pretendem informativos, o texto se insere no que poderíamos chamar de ordens de discurso jornalístico (FOUCAULT, 1999).

Como um momento da prática social, o texto jornalístico é responsável por conectar eventos sociais diversos, que vão desde a narrativa sobre a origem de um evento social específico (a pandemia covid-19), seu registro como um produto do canal History, sua publicação no site Uol, bem como seu compartilhamento na rede social *Facebook* cuja repercussão rendeu mais de 1200 comentários, além de mais de 2900 reações e mais de 1600 compartilhamentos. Os membros dessa rede social se posicionaram de maneiras diversas ao evento noticiado cujas consequências levaram milhares pessoas a óbitos no mundo, colocando o Brasil (254.221) no segundo lugar entre os países com maior número acumulado de óbitos, após os Estados Unidos (511.994) (BRASIL, 2021).

Enquanto parte de um evento social, ele veicula discurso particular sobre a representação asiática em seus aspectos culturais, configurando-se como um modo agir/interagir, representar e identificar no mundo diante de uma rede de eventos que atravessam diferentes domínios da vida (economia, educação, relações sociais etc.) e escalas da vida social (global, nacional, local). Segundo Fairclough (2003b, p. 30) “as ordens do discurso associadas com redes de práticas sociais especificam relações particulares em cadeias e tessituras entre tipos de textos”.

No caso do segundo evento social analisado neste estudo, as reações discursivas dos internautas ao texto noticioso evocam uma variedade de outros textos como veremos adiante. Parte desses discursos pode ser indicativa de práticas discursivas que atualizam preconceitos étnico-raciais contra asiáticos e funcionam como pilares discursivos sustentadores de outras práticas sociais.

A conjuntura social do início de 2020 atualizou preconceitos associados à Ásia, há muito tempo difundidos no Ocidente, não apenas contra chineses, mas também a amarelos em geral, da Ásia central, do Sudeste, Leste asiático ou da diáspora. No Brasil, casos de discriminação racial contra asiáticos (chineses e/ou brasileiros-asiáticos da diáspora)

ganharam força, tal como em outras partes do mundo. Eles vão desde especulações sobre os hábitos culturais e alimentares asiáticos⁸, imposição de condições discriminatórias, impedimento de acesso a espaços⁹a agressões verbais¹⁰ e físicas¹¹. No centro dessa questão, encontram-se processos sociais e discursivos que criam a noção de raça, a ser apresentada a seguir.

Os impactos da racialização no contexto da pandemia

O conceito de raça, enquanto noção relacional e histórica, remonta ao século XVI e tem como palco principal a América. Ao longo do tempo, redes de práticas sociais e discursivas serviram de sustentação para o preconceito, a discriminação e o racismo dirigidos a diferentes grupos étnico-raciais ao redor do planeta. Nesse processo, a ciência e a cultura desempenharam papéis variados na conformação de ideologia capaz de naturalizar tais práticas na estrutura social.

A ciência, por exemplo, produziu discursos de autoridade, elevados à categoria de verdade que, enquanto ordens de discurso pseudocientíficos, sofisticaram-se ao longo do desenvolvimento do capitalismo. O racismo científico de outrora foi substituído por um tipo de “relativismo cultural” ou “multiculturalismo” que evocam a cultura a partir de um modelo de humanidade controlável com poder de determinar o valor e o significado do Outro (ALMEIDA, 2019).

⁸ Como veremos na análise a ser empreendida a partir do texto noticioso (MOREIRA, 2020).

⁹ O Edifício Berrini 550, um condomínio empresarial na zona sul de São Paulo, impôs como condições o “uso de máscaras cirúrgicas, utilização apenas do elevador privativo e higienização das mãos com álcool gel” para permitir a entrada de chineses no prédio. De igual modo, práticas discriminatórias contra chineses foram registradas ao redor do mundo (SAYURI, 2020).

¹⁰ No dia 31 de janeiro de 2020, a estudante de direito da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Marie Okabayashi, de 23 anos, foi chamada de “chinesa porca” por uma senhora no metrô do Rio de Janeiro, que disse a ela: “sua nojenta, fica passando doença para todo mundo” (RODRIGUES, 2020).

¹¹ Outro caso de violência que chocou os jornais de todo o mundo, foi relatado por um jovem Jonathan Mok de Cingapura agredido fisicamente em um ataque racista no Reino Unido (ORLANDO, 2020).

Enquanto produto resultante do processo de racialização, o racismo diz respeito a possibilidade de imputar valores variados aos diferentes corpos, mas não só isso. Trata-se de um sistema complexo que envolve relações filosóficas, ideológicas, econômicas, institucionais, políticas e de direito. No caso brasileiro, é emblemática a notícia da primeira morte causada pela covid-19, no Rio de Janeiro, a qual se tratava de uma mulher negra, empregada doméstica, de 62 anos, que residia a mais de 100 km do local onde trabalhava, o Leblon. Assim como ela, muitas outras mulheres negras tiveram sua força de trabalho – mas não sua vida - sendo classificada como essencial em muitos estados do Brasil.

Nesse sentido, a ideia de que o vírus atinge a todos indistintamente pode ser questionada. Aqui falamos metaforicamente sobre os efeitos da pandemia em diferentes corpos situados a partir de diferentes marcadores sociais como raça, classe e gênero. A sociedade brasileira negligencia o racismo e, conseqüentemente, nega seus impactos sobre os diferentes corpos. Nesse debate, apenas o corpo branco se mantém ao largo sobre as conseqüências da racialização. Isto porque o próprio sistema que cria o racismo o preserva. Assim, apesar de no Brasil o vetor de transmissão do covid-19 se situar sobre os corpos brancos vindos de passeio da Europa, são os corpos negros, que acumularam maior número de óbitos, ou amarelos, que receberam o impacto inicial da forma como a pandemia se disseminou. Dessa forma, o sistema de dominação branca se mantém (SOUZA; UENO; YONEKURA, 2020).

A análise da notícia e discussão dos resultados

O primeiro evento discursivo analisado neste estudo se materializou no texto intitulado “*Surto de coronavírus da China pode ter sido provocado por sopa de morcego (ou de cobra)*” cujo compartilhamento, no dia 27 de janeiro de 2020, gerou inúmeras reações na

plataforma virtual *Facebook*.

O registro textual se deu por meio escrito no qual predominaram tipos textuais narrativo e descritivo (Modo), responsáveis por construir informações referentes às possíveis origens do vírus que em 2020 se espalhou pelo mundo adquirindo *status* de pandemia, levando número expressivo de pessoas a óbito (Campo). Apesar de, primeiramente, ter sido veiculada em um site o qual não permite a possibilidade de interação entre os leitores do texto e o autor da notícia, o seu posterior compartilhamento em rede social remeteu a uma *a interação mediada on-line* (THOMPSON, 2018) (Relações).

Que tipo de informação geral é construída pela estrutura temática do texto?

Se a semelhança genérica entre os textos reside 1) na recorrência de um grupo contextual específico, 2) na encenação de estruturas esquemáticas semelhantes e 3) nos padrões de realização textuais (EGGINS, 2004), podemos afirmar que o texto analisado aproxima-se de um gênero que se circunscreve nas ordens de discurso jornalístico (FOUCAULT, 1999), tal como a notícia, pois se trata de produto da marca History que, embora seja um canal de entretenimento, caracteriza-se, especialmente, por aportar teor informativo, histórico e/ou científico ao conteúdo transmitido.

Construída como um texto breve, com 275 palavras, a notícia está composta por quatro parágrafos, que se posicionam logo abaixo de uma fotografia do que seria uma pretensa sopa de morcego. Tanto no site, quanto na rede social *Facebook*, a foto¹² ganha destaque central confirmando o caráter multimodal do gênero, com composição semiótica entre os elementos verbais e não-verbais.

¹² Por questão de prioridade, a imagem não será objeto de análise neste estudo.

Figura 2 - Post da notícia no *Facebook*



Fonte: *Facebook*.

O traço interessado do autor se materializa nas etapas de produção do texto que passam pela 1) seleção, 2) ordenação e 3) nomeação de eventos, criando dessa maneira o *lead*, primeiro relato de uma notícia o qual concentra a proposição principal que se quer apresentar (LAGE, 1993, p. 16-20). Embora, num primeiro momento, o texto noticioso cumpra a função social de “informar”, é preciso lembrar que se trata de um relato sequencial de fatos apresentados em ordem de interesse, que sugerem, mas não asseguram, relações de causa e consequência.

Tal aspecto é percebido por meio da progressão temática de tipo linear¹³ na qual são dispostos os Temas que se referiram, resumidamente, a covid-19 (33%), a China (33%), às possíveis causas do vírus (24%) e a outros assuntos (10%). A recorrência associativa entre

¹³ A progressão linear possui com padrão temático desenvolvido a partir do modelo: $A - B / B - C / C - D$.

esses tópicos foi apresentada em sua maior parte em ordem direta (54%), o que facilita a apreensão rápida da informação apresentada, tal como pode ser visto no título da notícia “*Surto de coronavírus da China pode ter sido provocado por sopa de morcego (ou de cobra)*” (Oração 1). Nesse exemplo, é interessante notar como o autor determina claramente a covid-19 como sendo um vírus asiático, introduzindo a possível relação do vírus com a sopa de morcego. Aí tem-se o discurso como “reverberação de uma verdade nascendo diante dos nossos próprios”, como diria Foucault (1999, p. 49).

Como é representada a origem da covid-19 no texto publicado pelo History Channel?

A realidade ganha sentido e é modelada na comunicação por meio de processos que representam os eventos relacionados à experiência humana (HALLIDAY; MATHIESSEN, 2014). No caso do texto analisado, foram identificados 15 processos totais, sendo eles 5 orações materiais, 4 relacionais, 3 mentais, 2 existenciais e 1 verbal.

Embora a Oração Material busque construir a figura do fazer ou acontecer no plano da realidade material, notou-se a presença de marcas de relativização do processo material por meio de constituintes modalizadores. Por exemplo, na Oração 1 (título da notícia), temos um Processo Material – Causativo que é um tipo de oração que trata de mudanças no fluxo dos acontecimentos. Neste caso, a mudança (provocada pelo *Ator*: “*sopa de morcego (ou de cobra)*”) é direcionada a outro participante (denominado *Meta*: “*Surto de coronavírus da China*”) (FUZER; CABRAL, 2010). Esse aspecto é relativizado na medida em que a oração assume o caráter contingente ao optar-se pelo uso da modalidade epistêmica de probabilidade (*pode*). Em todo *lead* da notícia, formado pelo título e pelo primeiro parágrafo cuja composição representa a síntese da notícia, há a presença de marcas de imprecisão que são construídas tanto pelo Sistema de Tema, quanto pela Sistema de MODO.

Na Oração 2, por exemplo, há um Processo Mental - Cognitivo (“*descobrir*”) que exprime a experiência interna da consciência dos pesquisadores (*Experienciadores*), projetando um *Fenômeno* “*o que provocou o surto de coronavírus que já infectou quase três mil pessoas e causou 81 mortes*”. Ao alinharmos a interpretação do título da chamada com a primeira oração do parágrafo que inicia o texto, temos materialmente a indicação de que a notícia veiculada não passa de hipóteses que se dão mais na consciência de indivíduos que no mundo real. Isso porque o Processo Mental afeta mais a percepção da realidade que a realidade em si.

Tabela 1 - Oração 1 (Parágrafo 1)

	As autoridades chinesas	tentam	<u>descobrir</u>	o que provocou o surto de coronavírus que já infectou quase três mil pessoas e causou 81 mortes.
TRANS.	Experienciador	Proc. Mental - Cognitivo		Fenômeno
MODO	Modo		Resíduo	
	Sujeito	Finito: Pres. do Indicativo Polaridade: positiva	Predicador: descobrir	Complemento
TEMA	Tema Tópico – Não Marcado Simples	Rema		

Fonte: elaborado pela autora.

Quanto aos participantes que performam os processos analisados no texto, observou-se a predominância de seres não humanos. Os 3 casos de participantes humanos presentes no texto atuaram em Orações Mentais (2) e Verbal (1). Nesses casos, são trazidas as vozes de figuras como “As autoridades chinesas” ou “Uma equipe de cientistas” que visam legitimar o que está sendo experienciado no mundo mental, num esforço de construir uma relação de intertextualidade que visa tornar crível o fato narrado ao leitor. Outro aspecto observado é que, em todas as Orações Mentais, há algum léxico que remeta a China em um dos

constituintes da oração reforçando, dessa maneira, a recorrência temática constatada.

A notícia apresenta também outros países asiáticos como Circunstância de Lugar, tal como pode ser visto na **Oração 2 (Parágrafo 4) - Além da China, já há casos confirmados de 2019-nCoV em Hong Kong, Macau, Japão, Tailândia, Coreia do Sul, Vietnã, Estados Unidos, Austrália, Canadá e França, entre outros países.** Nesse caso, temos a generalização do problema como sendo, em sua maior parte, asiático, o que compromete a representação de vários países asiáticos como um todo.

Por meio do que Halliday (2014) chama de sistema ideacional e Fairclough (2003) significado representacional, a experiência da vida social é reencenada verbalmente através de discursos que dizem respeito aos modos de representação da vida e aos encadeamentos lógicos estabelecidos para a representação. Mas lembremos que fenômeno não é aleatório em nossa sociedade, “a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 1999, p. 8).

Qual o grau de comprometimento com o dizer?

O texto é construído predominantemente em tempo presente e passado, pois narra ou descreve acontecimentos que já ocorreram ou ainda ocorrem contemporaneamente à sua publicação. Como era de se esperar do gênero notícia, o conjunto geral das orações se caracteriza pela função de fala declarativa e função semântica de proposição. Embora a polaridade positiva seja frequente, notam-se marcas de imprecisão no dizer em várias orações. Essa imprecisão é construída semanticamente por meio de recursos lexicais como “suspeita”,

“hipótese” ou “teoria”; ou também pela alta presença de Processos Mentais, como já foi explicado anteriormente. Além disso, o comprometimento do autor com as informações noticiadas é relativizado por constituintes que denotam modalização.

A Oração 11, a seguir, é um exemplo de relativização da afirmação. Nesse caso, temos uma Oração Relacional, responsável por construir a identidade, marcada pelo uso do Futuro do Pretérito. O autor busca criar um rótulo para a prática alimentar chinesa sem se comprometer fortemente como a afirmação feita uma vez que o traço temporal fala de algo que poderia ter acontecido, mas não se concretizou.

Tabela 2 - *Oração 3 (Parágrafo 3)*

	A iguaria incomum	Seria	um prato popular	na cidade de Wuhan.
TRANS.	Portador	Proc. Relacional – Atributivo	Atributo	Circunstância - Localização
MODO	Modo		Resíduo	
	Sujeito	Finito: Fut. do Pretérito Pol.: positiva	Pred.: ser	Complemento
TEMA	Tema Tópico – Não Marcado Simples	Rema		

Fonte: elaborado pela autora.

Ainda sobre o dizer, Foucault (1999) aponta três procedimentos externos do discurso que funcionam como sistema de exclusão, são eles: a interdição, a separação e a vontade de verdade. Na primeira diz respeito à repressão do objeto; a segunda à retenção da voz do sujeito; e a terceira à produção de uma “verdade”. Nesses três sistemas o jornalismo pode ser pensado como um dispositivo que opera na articulação de poderes ao deter a capacidade de filtrar pautas, controlar ou habilitar vozes e produzir vontade de verdade (BERTOLINI, 2016)

A análise das reações dos membros do *Facebook* ao texto noticioso

Como neste estudo tratamos de uma rede de eventos discursivos, faz-se necessário delimitar a centralidade de dois momentos nessa rede de práticas, quais sejam: 1) a publicação do texto produzido pelo canal History no site Uol, apresentado anteriormente, e 2) o posterior compartilhamento na rede social *Facebook* e algumas de suas respectivas reações.

O primeiro evento, representado pela notícia jornalística produzida pelo History e publicada no site Uol, remete-nos a uma *quase-interação-mediada* (THOMPSON, 2018). Essa forma de interação foi frequentemente chamada de comunicação de massas (jornais, rádio, tv) por dois motivos. O primeiro porque uma de suas características é ter um espectro amplo e indefinido de destinatários. O segundo porque nesse tipo de interação predomina um fluxo de comunicação unidirecional, portanto, monológico, que envolve relações no espaço-tempo com certa restrição simbólica entre os interagentes.

É interessante notar que a postagem da mesma notícia na plataforma *Facebook* altera a dinâmica de interação entre leitores e texto, configurando o que consideramos ser um novo evento social. Note-se que, quando a notícia é compartilhada naquela plataforma, abre-se a possibilidade para outro tipo de interação: *a interação mediada on-line*. Assim como outros tipos de interação, essa também estende a possibilidade de estabelecer relações no tempo-espaço, no caso, por meio do uso de computador, *smartphones*, *tablets*, mas com certa redução de pistas simbólicas (gestos, expressões faciais, toques, sinalizações visuais, etc.) se comparado à interação face-a-face. Além disso, outros dois aspectos são importantes nesse tipo de interação. Primeiro, que, ao contrário da quase-interação-mediada (tv), ela possui caráter dialógico. Segundo que, diferente da interação mediada (conversa telefônica), ela é destinada a um número amplo de possíveis interagentes (THOMPSON, 2018).

Embora a repercussão do compartilhamento da notícia tenha rendido mais de 1200 comentários na rede social, chamou a atenção o número expressivo de comentaristas não-

asiáticos que opinavam sobre a cultura e os hábitos alimentares chineses em detrimento do silenciamento da população diretamente representada. Para falar sobre essas representações, selecionamos 5 *posts*, que reagem ao primeiro evento discursivo já analisado, com o objetivo de compreender como determinados sentidos emergem da rede de práticas discursiva construída a partir do texto noticioso inicial.

A figura 3 é um exemplo do exercício do poder de classificação e valoração do Outro para além do corpo, incluindo, inclusive, suas práticas culturais. Além de considerar a comida chinesa como estranha, a mensagem associa a prática alimentar com a própria transmissão viral.

Figura 3 - A comida exótica



Fonte: *Facebook*.

Dessa forma, a rede de práticas discursivas parece construir um imaginário sobre a cultura chinesa que se assenta, sobretudo, na exotificação de suas práticas culturais. Como parte desse imaginário que insiste em associar a China a doenças transmissíveis mundialmente, no foco da crítica, estariam as práticas de (anti)higiene, tal como pode ser visto na figura 4.

Figura 4 - A prática anti-higiênica

Quem comeria morcego que comam, mas deixem de ser preguiçosos e desleixados, preparem o prato higiênico ao invés de abrir um buraco na pança do bicho jogar uma sopa ali dentro e tomar...aff

Curtir · Responder · 36 semanas · Editado

Fonte: *Facebook*.

Nesse processo de discursivização em rede, o mito do “Perigo Amarelo” difundiu o sentimento anti-China (anti-asiático) ao mesmo tempo em que reacende teorias conspiratórias. A figura 5 indica como, paulatinamente, a construção da ideia de ameaça vai sendo engendrada para representar o país que atualmente se posiciona como contraponto à maior potência Ocidental da atualidade.

Figura 5 - A ameaça chinesa

Vcs não entendem que eles querem diminuir a população mundial

Curtir · Responder · 35 semanas

Fonte: *Facebook*.

O que é preciso ter em evidência é que, enquanto processo ideológico que tem no seu centro a articulação entre processos raciais e econômicos, o sentimento anti-China é alimentado institucionalmente por figuras de Estado como o presidente Donald Trump¹⁴ ou o ex-ministro da educação Abraham Weintraub¹⁵.

Como inimigo que deve ser combatido, os chineses seriam alvos, entre outras coisas, da discriminação racial recreativa, tal como pode ser visto na figura 6.

¹⁴ Trump chama covid-19 de “praga” e culpa a China em discurso na ONU (GARRETT-JUNIOR; JUSTO, 2020).

¹⁵ Em 2020, o Ministro da Educação ofende a China com tuíte “racista” (CORREIO BRAZILIENSE, 2020).

Figura 6 - A discriminação racial recreativa



Fonte: *Facebook*.

A questão central que gostaríamos de nos deter é que, nesse processo de racialização do vírus, não apenas os chineses passam a ser alvejados por tais práticas, mas todo um grupo asiático homogeneizado sofre violência simbólica e material, tal como pode ser visto na figura 7 ou nas reportagens que destacam o aumento da violência cometida contra asiáticos no início da pandemia que tinham como fundamento o preconceito racial.

Figura 7 - A homogeneização de um grupo



Fonte: *Facebook*.

As estratégias discursivas sobre a covid-19 abriram espaço para a racialização do vírus, ou seja, para a construção de um imaginário específico no qual as causas da doença estariam relacionadas às diversas práticas culturais asiáticas. Como exemplo dessas estratégias, é possível citar a circulação de textos noticiosos com reduzido grau de comprometimento com o dizer, a associação lexical do vírus como sendo chinês e o uso de imagens de pessoas asiáticas de máscara que se tornaram o rosto da doença.

Considerações Finais

A análise da rede de práticas discursiva em torno da publicação de um texto noticioso sobre a possível origem da covid-19 e seus desdobramentos buscou tornar compreensível como algumas práticas discursivas podem abrir espaço para que práticas de discriminação racial contra asiáticos sejam atualizadas.

Primeiramente evidenciamos a recorrência temática do texto que se dá entre 1) a covid-19, 2) a China e 3) as possíveis causas. Em seguida, demonstramos como a realidade é modelada por meio de recursos léxico-gramaticais que evocam imprecisão na informação apresentada. Tal marca se materializa por meio de verbos modais, tempos verbais ou léxicos generalizadores. Além disso, apontamos como o problema da covid-19 foi localizado geograficamente como sendo uma questão asiática.

Quanto às reações à postagem no *Facebook*, observou-se a articulação de discurso orientalista no qual se destaca a exotificação do Outro, a valoração assimétrica e etnocêntrica, a construção do Outro como ameaça a ser combatida e, como consequência do processo de racialização, a homogeneização asiática e sua redução à China como estratégia de manutenção da supremacia branca.

A construção de identidades sociais se faz por meio de práticas sociais (e também linguísticas) reiterativas. Por esse motivo, questionar as práticas discursivas é tão importante. Por meio da linguagem é que se torna possível negociar, desafiar, afirmar, concordar ou recusar a construção dos significados, bem como as práticas que retroalimentam relações hegemônicas (EGGINS, 2004).

Coronavirus: the racialization of the meanings about the origin of a virus

Abstract: In early 2020, news reports were released about the possible causes of the coronavirus. Among them were those that put Chinese eating practices under suspicion. Some time later, there was an increase in episodes of violence against Asians with elements of racial discrimination. Therefore, we decided to use Critical Discursive Studies to understand some common meanings in this pandemic scenario and their causal effects on discursive events from a given network of discursive practices. The corpus was composed of 1 news item and readers' reactions to the posting of that news item. The analysis was undertaken on the dimensions of the social situation, the particular practice and the interaction itself. For that, it considered the representational, identificational and action meanings in a critical discursive perspective. The results pointed to 1) thematic recurrence between covid-19, China and possible causes; 2) reality modeled by lexical-grammatical resources that evoke imprecision in the information presented by the news; 3) location of covid-19 as an Asian issue. As for the reactions to the post, the articulation of Orientalist discourse was observed as a strategy for maintaining white supremacy.

Keywords: Coronavirus. Critical Discursive Studies.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, S. **Racismo Estrutural**. São Paulo: São Paulo, 2019.

BERTOLINI, J. Discurso e poder na narrativa midiática: notas entre Foucault e Jornalismo. **Temática**, v. 5, p. 41–58, 2016.

BRASIL. **Boletim Epidemiológico coronavírus - N52**. Disponível em: <<https://coronavirus.saude.gov.br/boletins-epidemiologicos>>. Acesso em: 17 mar. 2021.

CORREIO BRAZILIENSE. **Embaixada da China repudia tuíte de Weintraub: “fortemente racista”**. Disponível em:

Gláuks: Revista de Letras e Artes– jan/jun. 2021 – Vol. 21, Nº 1

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2020/04/06/interna_politica,842685/embaixada-da-china-repudia-tuite-de-weintraub-fortemente-racista.shtml>. Acesso em: 6 abr. 2020.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

EGGINS, S. **An Introduction to Systemic Functional Linguistics**. London: Printer Publishers, 2004.

FAIRCLOUGH, N.; JESSOP, B.; SAYER, A. . Realismo crítico e semiose. **Revista Letra Capital**, v. 1, n. 1, p. 43–69, 2016.

FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. Org., revisão da trad. e prefácio à ed. bras. Izabel Magalhães. Brasília: Editora UnB, 2001.

FAIRCLOUGH, N. **Analyzing Discourse: Textual Analysis for Social Research**. London: Routledge, 2003.

FAIRCLOUGH, N. A dialética do discurso. **Revista Teias**, v. 11, n. 22, p. 10, 2010.

FOUCAULT, M. **A ordem do discurso: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970**. Campinas: Loyola, 1999. v. 10

FUZER, C.; CABRAL, S. R. S. **Introdução à gramática sistêmico-funcional em língua portuguesa**. Santa Maria: UFSM, 2010.

GARRETT-JUNIOR, G.; JUSTO, G. **Trump chama covid-19 de “praga” e culpa a China em discurso na ONU**. Disponível em: <<https://exame.com/mundo/trump-culpa-china-por-covid-19-em-discurso-na-onu/>>. Acesso em: 8 dez. 2020.

HALLIDAY, M. A. K.; MATHIESSEN, C. **Introduction to Functional Grammar**. 4. ed. London and New York: Routledge, 2014.

HISTORY. **Surto de coronavírus da China pode ter sido provocado por sopa de morcego (ou de cobra)**. Disponível em: <<https://history.uol.com.br/noticias/surto-de-coronavirus-da-china-pode-ter-sido-provocado-por-sopa-de-morcego-ou-de-cobra>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

LAGE, N. **A estrutura da notícia**. São Paulo: Ática, 1993.

LEDIN, P.; MACHIN, D. Doing critical discourse studies with multimodality: from metafunctions to materiality. **Critical Discourse Studies**, v. 16, n. 5, p. 497–513, 2019.

LSF como linguística aplicável: explicatividade. [s.d.].

MATTHIESSEN, C. M. I. M. Systemic functional linguistics as applicable linguistics: Social

accountability and critical approaches. **DELTA**, v. 28, p. 435–471, 2012.

RODRIGUES, M. **Estudante diz ter sido chamada de “chinesa porca” por idosa no metrô do Rio e registra queixa na polícia.** Disponível em:

<<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/02/04/estudante-diz-ter-sido-chamada-de-chinesa-porca-por-idosa-no-metro-do-rio-e-registra-ocorrencia.ghtml>>. Acesso em: 15 abr. 2020.

SAYURI, J. **#EuNãoSouUmVírus: epidemia do covid-19 dispara racismo contra asiáticos.** Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/eunaosouumvirus-epidemia-do-covid-19-dispara-racismo-contra-asiaticos/>>. Acesso em: 29 nov. 2020.

SCHIFFRIN, D. Definiciones de discurso. **CPU-e, Revista de Investigación Educativa**, n. 13, p. 1–33, 2011.

SOUZA, A. M. DE; UENO, L. S.; YONEKURA, Y. **A solidariedade antirracista como urgência em tempos de pandemia.** Disponível em:

<<https://outracoluna.wordpress.com/2020/06/11/a-solidariedade-antirracista-como-urgencia-em-tempos-de-pandemia/>>. Acesso em: 30 nov. 2020.

THOMPSON, J. B. A interação mediada na era digital. **MATRIZES**, v. 12, n. 3, p. 17–44, 2018.

UENO, L. **A branquitude, a orquestrar as hierarquias, lucrará cada vez mais.** Disponível em: <<https://outracoluna.wordpress.com/2020/06/11/laura-ueno-a-branquitude-a-orquestrar-as-hierarquias-lucrara-cada-vez-mais/>>. Acesso em: 30 nov. 2020.

WILLIAMS, R. **Marxismo e literatura.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.